

O CARNAVAL DE LOULÉ
É UM FESTIVAL
E UM HINO À ALEGRIA!

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXVI

2-2-1978

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 660

Composição e Impressão
«GRÁFICA FDIUORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barral

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 LOULÉ



Pouco falta para o Carnaval, aquele período único, que incita aos folguedos (de irrisão emocional) e procura fazer esquecer as muitas apreensões que atulham o quotidiano, per-

AMENDOEIRAS EM FLOR POSTAL MÍTICO ALGARVIO

Quando menino, não sei se ouvira ou se lera algures (?) a lenda das amendoeiras. Retenho ainda ao certo, na lembrança os seus rudimentos, que de modo um tanto lírico e mítico, (continua na pág. 8)

GOVERNO CIVIL DE FARO CONTESTA AFIRMAÇÕES PRESTADAS PELO PRESIDENTE DA CÂMARA DE MONCHIQUE

Na edição deste jornal de 19 passado, e a pedido da Câmara de Monchique, grafámos parte da acta respeitante a uma proposta aprovada pela Assembleia Municipal daquela localidade e que, naturalmente, considerámos de boa fé.

Posteriormente, para melhor esclarecimento do assunto e desmentido das afirmações expendidas, recebemos para publicação uma nota

explicativa do Governo Civil de Faro.

É este o seu teor, que na íntegra transcrevemos:

«Faro, 23 de Janeiro de 1978.

Ex.mo Senhor

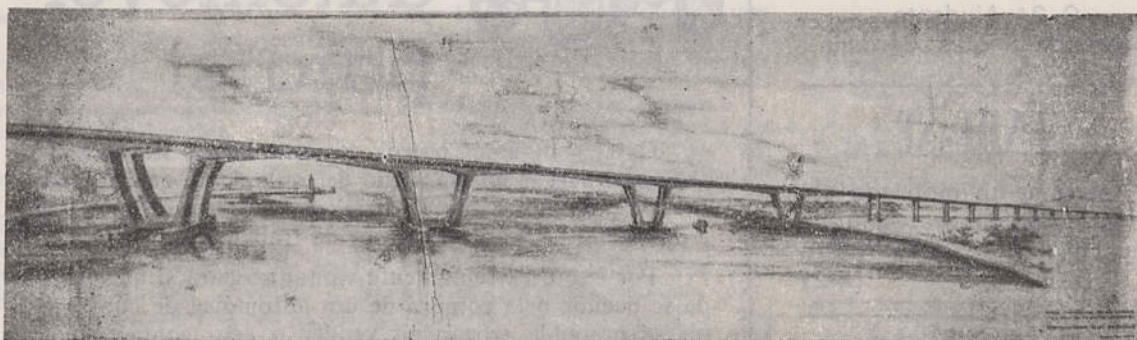
Director de «A Voz de Loulé».

— Loulé.

O Semanário que V. Ex.ª dirige, de 19-1-78, publicou uma informa-

(continua na pág. 2)

Está pronto o projecto da Ponte Guadiana



Foi revelado recentemente pelo ministério das Obras Públicas, que o projecto da ponte internacional sobre o rio Guadiana, que ligará Vila Real de Sto. António a Ayamonte, está concluído.

A aprovação do projecto pelos governos dos dois países, terá lugar, segundo o preceituado no convénio luso-espanhol, depois da análise da comissão técnica constituída, cuja

reunião foi solicitada pela representação portuguesa.

Espera-se que a obra seja iniciada este ano. Se tal se confirmar, a ponte terá a sua conclusão em 1980.

CARNAVAL DE LOULÉ

prepara-se para superar todas as edições anteriores

O Carnaval de Loulé, é uma festa! Daí o ter-se transformado num cartaz algarvio de maior ressonância!

O Carnaval de Loulé, é com efeito o Carnaval do Algarve! Entretanto,

internacional, enquadrando-se perfeitamente à vocação turística da sua região.

A aproximação do Carnaval cria, portanto, um clima de expectativa e

presas e novidades apresentará? Será melhor que o anterior?

Estas dúvidas são, na generalidade, seladas com uma exclamação votiva: — Oxalá o tempo ajude!

PROGRAMA DO CARNAVAL DE LOULÉ

O programa preparado para o Carnaval de Loulé, que transcorre nos próximos dias 5, 6 e 7, conta com as seguintes atracções:

CORSO

- Desfile de 23 carros alegóricos
- Bandas de Música
- Cabeçudos e gigantones
- Samba do Brasil — Mister Gasolina e as Mulatas do Rio

- 2 Orquestras Internacionais
- Show brasileiro
- Concursos: Masqué — Miss perna de homem — trapalhão
- Eleição dos Reis da Folia

Preços:

- Entrada no recinto de festa — 20\$00
- Entrada nos bailes — 250\$00
- Marcação de mesa — 100\$00

BAILES

Palácio do Trigo

Reservas e informações: no Posto de Turismo de Loulé, telef. 62538

fazendo gala e justo dinamismo com que emoldura este autêntico festival. Loulé aspira a transformar o alician-te cartaz, numa legenda de atracção

PRESENÇA DO DESPORTO NO CARNAVAL DO ALGARVE

(LER PÁGINA 5)

alvorço que se prende com a sua iminente «encenação».

Por isso, é natural, é compreensível, que abandonados os assuntos mai candente, como a política, a inflação, a flutuação do escudo e quejandos, se inclua na «ordem do dia», no círculo louletano, o Carnaval em perspectiva.

As interrogações sucedem-se: — Como se sairá este Carnaval? Que sur-

Pois, quanto às muitas expectativas formuladas, podemos adiantar alguma coisa e satisfazer em parte (só em parte, porquanto nada há como ver), a curiosidade acumulada.

Além do programa delineado, que noutra lugar deste jornal se exprime de forma muito sintética, ocupamo-nos de forma especial dos carros alegóricos, dos formosos carros ale- (continua na pág. 3)

ACTO DE POSSE

DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE LOULÉ

No passado dia 18, pelas 17-30 horas, decorreu nos paços do concelho desta Vila, o acto de posse da Comissão Administrativa da Santa

Casa da Misericórdia de Loulé, presidido pelo Governador Civil do Distrito de Faro, Dr. Almeida Carrapa- (continua na pág. 2)

SAQUINHOS AOS MILHARES NO CARNAVAL DE LOULÉ

A Fábrica Imperial (Cerveja Marina) ofereceu à Comissão do Carnaval milhares de saquinhos para animar a nossa Batalha de Flores.

Parabéns à Marina pela feliz iniciativa.

GOVERNO CIVIL DE FARO contesta afirmações prestadas pelo Presidente da Câmara de Monchique

(continuação da pág. 1)
ção, notícia, local (ou lá o que é...) subordinado ao título «Assembleia Municipal de Monchique repudia gesto oficial considerado anti-democrático».

Como a informação transmitida pela Câmara Municipal de Monchique, ou melhor, pelo seu Presidente, vem repassada de mentiras que urge rectificar, e em definitivo, para não prosseguir impunemente uma campanha de envenenamento da opinião pública, repõe-se a verdade, nos termos seguintes:

a) «gesto oficial» — estranha-se a qualificação pois nenhuma oficialidade houve no acto que passa a relatar-se.

b) O repúdio d' Assembleia Municipal de Monchique está viciado dum erro inicial: a Assembleia foi dolosamente informada que o Governador Civil teria feito uma visita de trabalho ao concelho de Monchique sem do facto ter dado conhecimento à Câmara Municipal. A Assembleia foi induzida em engano e por isso discutiu num pressuposto falso, comprometendo e prejudicando a seriedade da discussão. Corrigindo esse pressuposto, fica afirmado que o Governador Civil não fez qualquer visita de trabalho ao concelho de Monchique. Fé-la, sim, ao concelho de Aljezur a convite dos órgãos de poder local deste Município.

c) É óbvio que, deslocando-se de automóvel, para chegar a Aljezur teve que atravessar 7 concelhos: Loulé, Albufeira, Silves, Lagos, Portimão, Lagos e Vila do Bispo. Não houve necessidade de dar conhecimento prévio e muito menos pedir autorização, às câmaras respectivas. Por mais descentralizada que seja a administração deste País, não se regressará aos medievais direitos de portagem e de atravessadouro...

d) Em Aljezur, sim, houve uma sessão de trabalho na Câmara, com a presença do Governador, Presidente do Município, Vereação, Assembleia Municipal e Juntas de Freguesia. Sessão frutuosa que se prolongou por cerca de 2 horas, seguida de visitas no concelho de Aljezur, segundo itinerário traçado pelos órgãos locais de administração.

e) No regresso foi sugerido que fosse proporcionado ao Governador observar a panorâmica paisagística dum local por onde o Estado projecta abrir uma estrada nacional, com a extensão de cerca de 15 km que ligará território dos 2 concelhos confinantes, Aljezur e Monchique. Como o trânsito por esse local se tornaria extremamente difícil para um auto-ligeiro do tipo do do Governo Civil, foi convidado o Governador a fazer o trajecto num «jeep» da Câmara Municipal de Aljezur, na companhia do seu Presidente e alguns vereadores.

O convite foi naturalissimamente aceite e a viagem de regresso a Faro iniciou-se por este processo, indo o automóvel do Governador esperá-lo, no sítio dos Casais, no ponto de afluência do caminho por onde assentará a estrada nacional já projectada pelos Serviços do Estado na estrada nacional que liga Monchique a Portimão.

f) No trajecto percorrido no «jeep», quer enquanto se atravessava território de Aljezur, quer nos escasos quilómetros de território do con-

celho de Monchique, nunca o veículo parou, muito menos estacionou, nem qualquer dos seus ocupantes desceu. Apenas a todos foi dado admirar a verdejante paisagem. Chegado o «jeep» ao sítio de Casais, onde já o aguardava o automóvel do Governo Civil, o Governador fez, sem demora, o transbordo, depois de se despedir amigavelmente de todos os acompanhantes. Terão também estes violado o território duma «Pátria» vizinha?

g) De censurar dois presidentes: o da Câmara e o da Assembleia Municipal. O primeiro, porque levou ao conhecimento da Assembleia um facto errado, provocando uma discussão viciada; e porque, não sendo membro da Assembleia Municipal, não tinha legitimidade, nem competência para formular uma proposta que apresentasse à mesma Assembleia. O segundo, porque deu uma triste nota de falta de autoridade e de competência, consentindo que um elemento estranho «anarquizasse» a Assembleia a que presidia, e parece que mal nesse momento, isto é, permitindo que um elemento estranho à sua Assembleia nela apresentasse uma proposta... o que torna o acto posterior irritado e nulo.

Enfim, talvez cortesia de compadres...

i) Portanto, «gesto oficial» foi praticado sim, mas exclusivamente no concelho de Aljezur, de quem o Governador recebeu convite e agradecimento; nunca no concelho de Monchique. Fica assim rectificada a notícia para que não encontrem eco os ditirambos de certos corifeus, nem a histeria de centuriões...

Solicitando a publicação deste esclarecimento no próximo número de «A Voz de Loulé» no mesmo local e com o mesmo título da notícia editada, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

O Governador Civil,
Júlio Filipe de Almeida Carrapato

Acto de posse da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Loulé

(continuação da pág. 1)
to, por delegação do Secretário de Estado da Assistência Social.

Estiveram presentes à efeméride além dos componentes da referida Comissão Administrativa, constituída pela sr.^a D. Catarina do Carmo Pinto Farrajota, e srs. Aníbal Marum Pereira e João Maria Martins da Silva, o presidente da Câmara de Loulé, sr. Andrade de Sousa e vereadores Libânio Palma, José Pires, Oliveira Carrapa e João Simões, e chefe de secretaria do Município, sr. Rui Centeno.

Depois de lida a acta do empossamento e prestados os juramentos legais, o Governador do Distrito de Faro, dr. Almeida Carrapato dirigiu aos circuntantes as seguintes palavras:

«Cabe-me a oportunidade de me dirigir a V. Ex.^{sa}, que acabais de ser empossados, as minhas saudações e os meus cumprimentos.

Fiel ao princípio que a mim mesmo impuz de me deslocar ao local de trabalho, quando se trata de empossar ou de instalar uma instituição, eu desloquei-me uma vez mais a Loulé, para conferir a posse a V. Ex.^{sa}, desta Comissão Administrativa da Misericórdia de Loulé. Conferi esta posse por delegação do sr. Secretário de Estado da Segurança Social. Devo dizer que me desloco sempre com o maior entusiasmo a esta Vila, onde vivi tantos dias e tantas jornadas de trabalho profissional e não só. É portanto, sempre com o maior gosto, com o maior encanto — direi mesmo — que me desloco sempre a esta segunda minha terra do Algarve. Aliás, as minhas segundas terras do Algarve, são todas as cidades e todas as vilas, todas as aldeias desta Província. O Algarve é pequeno de mais para nos dividir e nós devemos estar congregar sempre e unidos para a realização de fins comuns.

O fim das Misericórdias, como associações humanitárias, são bem conhecidos. V. Ex.^{sa} conhecem bem a função que têm pela frente e a mim resta-me desejar o maior êxito no desempenho da vossa missão. Essa missão será altamente relevante, socialmente apreciável, porque tendes à vossa frente um papel do maior destaque, no campo da segurança social, por exemplo, na protecção à infância, na primeira e segunda infância, na protecção à velhice, à terceira idade.

É um manancial de realizações que se vos oferece e estou absolutamente convencido que vós ireis empenhar-vos com toda a galhardia e com toda a elevação da missão que vos é cometida.

A todos os meus cumprimentos. Uma vez mais, a todos a minha saudação e para todos vão os meus votos de bom êxito na execução da vossa missão.

Por sua vez, em nome da Comissão Administrativa, usou da palavra, a sr.^a D. Catarina Farrajota, que agradeceu a confiança depositada nos membros da Comissão Administrativa, e teceu alguns considerandos sobre as dificuldades a vencer.

Mais adiante acrescentou:

«Era uma pena deixar cair as Misericórdias. Realmente elas, há séculos que cumprem um trabalho e preenchem uma lacuna, que havia realmente nas relações sociais, no auxílio, na previdência e assistência. Os tempos mudam, as coisas têm mesmo que se adaptarem às circunstâncias e à evolução de tudo o que é vivo. E assim também, as Misericórdias.

Realmente a mim fazia-me pena ver que a Misericórdia fosse só um hospital, porque realmente, uma Misericórdia é mais do que isso. Já não era o pouco que fosse, só o hospital, mas, efectivamente ela tem mais funções a cumprir do que só o hospital. Pois, há muito a fazer, como o sr. governador disse, penso que hoje há mais a fazer, ou pelo menos os nossos olhos abriram-se noutras perspectivas.

Assim eu fiquei contente, quando vi este movimento de renascimento das Misericórdias, chamemos-lhe assim. Não sei se estou a falar bem, mas pelo menos foi assim que eu entendi. Por isso, sei que vai dar trabalho, não sei entretanto se estarei à altura. Mas, não me acanho de dizer se não estiver à altura pois eu renuncio. Outra pessoa virá com mais capacidade. Não faltam aí. E, enfim veremos o que seremos capazes de fazer. Eu sozinho não seria, mas acompanhada suponho que seremos capazes de fazer qualquer coisa. Peço desde já a ajuda de todos porque precisamos de todas as ajudas. Não digo que a nossa acção seja espinhosa, mas terá obstáculos, terá dificuldades. Se nos dermos as mãos seremos capazes de fazer qualquer coisa de válido e é isso que eu espero fazer. No dia em que eu vir que eu não sou capaz de fazer qualquer coisa de válido, pois eu direi e como eu já manifestei ao sr. presidente da Câmara, eu pedirei a minha demissão, visto que a meu ver, não há nenhuma razão para se ocuparem lugares só para estar lá. Portanto, muito obrigado. Os meus colegas, chamemos-lhe assim, farão o favor de me ajudar muito, porque

eles estão mais familiarizados em função dos seus conhecimentos e experiência. Assim, os três, seremos capazes de fazer qualquer coisa. Estou certa».

Depois, a culminar o acto, o presidente da Câmara de Loulé, sr. Andrade de Sousa, frisou o seguinte:

«Eu estou certo que tanto a sr.^a D. Catarina, que tem toda uma vida ligada a todos estes problemas assistenciais, a todos estes problemas digamos humanos (há uma experiência longa), como o meu particular amigo, Aníbal Marum, que tem uma longa experiência também dentro da Santa Casa da Misericórdia, no antigamente, onde teve a oportunidade de demonstrar a sua capacidade, que foi do agrado de todos os louletanos; o meu particular amigo João Maria, que sabendo que não tinha tido com o meu conhecimento pessoal qualquer actuação dentro deste sector, mas daquilo que eu conheço dele fico com a certeza que este trio, sr. Governador, será capaz de elevar a Casa da Misericórdia de Loulé àquele ponto que todos nós louletanos aspiramos e que a região e o nosso país bastante necessita.

Evidentemente para que esta equipa possa ter aquela actuação que todos desejamos, será necessário, por parte dos órgãos centrais, órgãos esses que em certa medida estão associados e sentem a indiscutível presença e apoio do sr. Governador Civil, para que esta obra possa ser frutuosa nos campos em que nos propomos. Não é como o sr. Governador sabe, pois tem tido imensas dificuldades para a solução dos problemas da infância e neste momento, porque é um problema regional e graças ao apoio que o sr. governador tem prestado, que é do meu conhecimento pessoal, à terceira idade.

Nós estamos empenhados em colaborar, nós neste caso refiro-me à Câmara, empenhados em colaborar com esta Comissão no sentido de resolvermos esses problemas. Mas, se me permite, eu faço daqui um apelo para que o sr. Governador seja intérprete, junto do órgão competente, para que nos ajude. Porque sem uma colaboração física e financeira, por muito boas vontades, elas terão de ficar pelo caminho. Se não tivermos aquele apoio financeiro e físico, é inteiramente, por muito boa vontade, impossível resolver estes problemas.

Como o sr. Governador acabou de ouvir a sr.^a D. Catarina teve a oportunidade de explicar, pois estão todos imbuídos das melhores e boas vontades. E o meu ponto final é contar com a colaboração de V. Ex.^{sa} e que seja intérprete junto dos poderes centrais para que nos ajudem a resolver estes problemas que são gravíssimos na nossa terra».

Assim eu fiquei contente, quando vi este movimento de renascimento das Misericórdias, chamemos-lhe assim. Não sei se estou a falar bem, mas pelo menos foi assim que eu entendi. Por isso, sei que vai dar trabalho, não sei entretanto se estarei à altura. Mas, não me acanho de dizer se não estiver à altura pois eu renuncio. Outra pessoa virá com mais capacidade. Não faltam aí. E, enfim veremos o que seremos capazes de fazer. Eu sozinho não seria, mas acompanhada suponho que seremos capazes de fazer qualquer coisa. Peço desde já a ajuda de todos porque precisamos de todas as ajudas. Não digo que a nossa acção seja espinhosa, mas terá obstáculos, terá dificuldades. Se nos dermos as mãos seremos capazes de fazer qualquer coisa de válido e é isso que eu espero fazer. No dia em que eu vir que eu não sou capaz de fazer qualquer coisa de válido, pois eu direi e como eu já manifestei ao sr. presidente da Câmara, eu pedirei a minha demissão, visto que a meu ver, não há nenhuma razão para se ocuparem lugares só para estar lá. Portanto, muito obrigado. Os meus colegas, chamemos-lhe assim, farão o favor de me ajudar muito, porque

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, nos termos do artigo 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 23 do mês corrente, lavrada de fls. 70, v.º a 72, do livro n.º A-98, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Leonildo da Conceição, ocorrido no dia 3 de Maio do ano findo, na freguesia da Sé, da cidade de Faro, solteiro, maior, natural da freguesia e concelho de Albufeira, habitualmente residente na Rua Poeta Aleixo, n.º

30, 2.º, desta vila e freguesia de S. Clemente, que não deixou testamento, descendentes ou ascendentes, foram habilitados como seus únicos herdeiros, seus irmãos germanos:

a) João Gonçalves da Conceição, casado com Maria Celeste Gonçalves da Conceição, natural da freguesia de Almansil, concelho de Loulé;

b) Mário da Conceição, casado com Maria Celeste Madera da Costa Conceição, natural da freguesia de Santa Maria, concelho de Estremoz; — ambos residentes nesta vila e casados segundo o regime da comunhão geral de bens.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

VENDE-SE

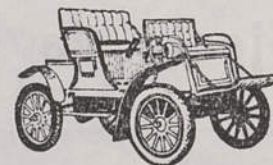
Apartamento mobilado em O'hão. 650 contos. Informa telef. 65457 — QUARTEIRA. (4-2)

COMPRA-SE

Terreno próximo de Quarteira. Informa telef. 65457 — QUARTEIRA. (4-2)

VENDE-SE

Kawasaki 250 cc. Trail, Mod. F-11 — 12 000 Km. Informa Telef. 65457 — QUARTEIRA. (4-2)



Um
automóvel
para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.ª mão. Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, n.º 14-1.º Esq.º
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

CARNAVAL EM LOULÉ FALECIMENTOS

(continuação da pág. 1)
góricos de Loulé, já que eles assumem um papel predominante, na «batalha de flores» atraindo sobre si, sempre, as atenções gerais.

Para saber de fonte limpa como é que esses caprichosos carros e apresentações, dirigimo-nos ao armazém, onde a comissão organizadora trabalha e orienta a sua confecção.

CONVERSA COM ILÍDIO FLORO

Deparamos com o sr. Ilídio Floro e de pronto desfechamos a pergunta acerca das previsões para o Carnaval de 78.

Ilídio Floro retrucou:

— De princípio penso que seja um Carnaval melhor que nos anos anteriores. Qualquer das partes, tanto da Câmara, como da Comissão Regional de Turismo, procuram valorizar o Carnaval deste ano o melhor possível. Na minha opinião acho que deve ser um dos carnavais superiores a qualquer outro, até mesmo ao do ano passado.

— E quanto aos carros?

— Na parte dos carros tem-se procurado fazer o melhor possível. Este ano esperamos que sejam um bocadinho superiores, com efeito.

Contudo, há uma coisa que é fundamental e que nos vai limitar um pouco o brilho dos carros, é a falta de matérias primas. Estamos a lutar com uma falta afiliva de papéis de cores. Não há papel de espécie nenhuma daquele que costumamos trabalhar. Temos de fazer alterações com outro material que não o da nossa vontade. Ligado a isso, o pessoal de colaboração, cada vez é menos. Vai baixando o nível do pessoal. Estamos reduzidos a três ou quatro pessoas, que se esforçam pelo andamento disto.

— De momento, quais são as pessoas que estão ligadas à Comissão?

— Eu, prof. Duarte, o sr. José Batista e o sr. Manuel Correia, um grande elemento, também. De resto, a Câmara tem-nos facilitado, e concedeu-nos luz verde para tudo o que seja possível.

— Sobre os carros, que lhe ocorre dizer?

— Temos alguns carros cujas tripulações serão formadas por casais. Temos estado a envidar esforços para que os ditos carros saiam de forma mais atraente possível. Nos anos anteriores tínhamos dificuldade em contar com tripulações. Não sucede isto este ano, felizmente, pois apareceram pessoas com vontade em nos ajudarem. Essa colaboração, que nos interessa muito, infunde-nos um bom incentivo.

CONVERSA COM O PROF. DUARTE

Dentro do mesmo recinto, de dimensões bem vastas, mas recheado de carros em construção, abordamos o prof. Duarte, um outro precioso elemento da comissão e que desde há muito faz dela parte integrante. Pessoa de poucas palavras mas de acção permanente, tentou esquivar-se de princípio, entretanto, vencida a hesitação inicial, pois palavra puxa palavra (como as cerejas), transmitiu-nos alguns esclarecimentos bem elucidativos sobre os carros em laboriosa preparação.

Começamos, para abrir a conversa, com uma interrogação sobre o próximo Carnaval de Loulé.

— Espeno que seja um êxito — foi a resposta.

Ante a nossa insistência, acrescentou: — Mercê do trabalho de uns tantos. Poucos, diga-se de passagem, não obstante o recinto estar aberto a todas as colaborações.

— Qual a sua opinião sobre os carros?

— A coisa está à vista, é um trabalho bastante meritório, pois envolve temas muito interessantes os quais indicam que a imaginação foi fértil e bem aproveitada.

Na minha maneira de ver os carros devem ser, tanto quanto possível alegres e se viáveis, atíricos. Mas é muito difícil. É muito difícil porque os carros não se fazem de um dia para o outro, demoram a conceber, e quando a piada sai, já está ultrapassada. Então deixa de ter mesmo piada. Por isso nós fugimos um bocadinho a isso.

Nó tínhamos umas ideias sobre

crítica, milhentas coisas podíamos criticar, contudo algumas desactualizaram-se de tal maneira que já perdiam a oportunidade.

— Podia descrever quais são os temas tratados nestes carros alegóricos?

— Os carros são 23. Pelo menos há uma larga meia dúzia, sete ou oito, que são carros realmente originais. Muitos há, feitos este ano, cujas ideias não são originais. Mas há carros originais de facto e eu julgo que vão agradar.

— Há algumas surpresas engatilhadas para este ano?

— Há. Vamos ter... mas não se podem divulgar, pois deixariam de o ser. Além de todas as dificuldades que houve, a maior é a dos materiais. E não sei como as futuras equipas do carnaval, que farão o carnaval, irão ornamentar os carros.

Têm de mudar de sistema de cobrir os carros, que é realmente apatnágio do nosso Carnaval, o florir os carros a papel de seda. Isso de futuro terá de ser alterado devido à escassez do material.

Este ano, houve um cuidado especial com as roupas, com os trajos das tripulações de alguns carros a condizer com os motivos dos mesmos. Vamos lá a ver como saiem.

— Há aqui à ilharga, um carro com todo o aspecto epigramático: na mão direita do boneco representado, tem um mealheiro, na mão esquerda um mantelo e o seu rosto exibe um ar indeciso, como quem hesita em investir...

— Eu estou a ouvir. Eu estou calado...

Os carros são 23. Há uma fantasia chinesa, digamos assim, constituída por dois pavilhões chineses ligados por uma ponte que levarão duas raparigas vestidas com quimones.

Há um outro carro, que é um convite ao «bom sono». Um livro, uma caixa de fósforos, uma vela apagada... pensávamos ainda...

— Não diga que é uma piada à electricidade que tem andado tão esquiava...

— Há um outro carro, que é dedicado à criança. Chama-se «A Feirinha», tem um carrocel e um pequeno carro ambulatório para distribuição de sorvetes, mas parece que toda a gente está a inclinar-se para o carro das castanhas. Há mais um outro carro, o «Carro da Vila», desenho de José Batista.

É constituído por um trono onde irá uma rapariga envergando uma fantasia, a representar a Vila de Loulé. Leva os seus pagens e as suas damas de honra. Por detrás, o brasão da Vila.

Há um carro aqui com três flores, ou mais, leva três raparigas dentro destas flores.

Esperamos que este carro resulte. Acho que é um carro rico. Já saiu em várias versões. Esta será, julgo, a versão mais feliz.

Além há um carro, um moinho regional, pois é um carro que nós esperamos vá agradar. Nele vão uns miúdos do nosso Rancho Infantil e moleiros, com indumentária típica da região.

Há aqui também, uma fantasia oriental. Tema das «Mil-e-uma-noites», com lâmpadas de Aladino, minarettes, um tapete voador. Leva umas raparigas vestidas de odaliscos, ou de «Odaliscas»...

Há o carro do «Acordeon», que no entanto não é só. É tripulado também pelos miúdos do nosso Rancho. Leva também uma chaminé, uma amendoeira, flores de amendoeira e um tablado onde os miúdos irão bailar.

— É atirado para o folclore...

— A «Casa algarvia», é um carro que é sempre requisitado por um grupo de amigos, que vão comendo e bebendo e vão até distribuindo a sua alegria e a comida...

A Marina, também tem o seu carro, que é publicitário. Está também em preparação um carro «guerreiro» embora propriamente o não seja. Pensamos, este ano fazer uma permuta de atracções entre Ayamonte e Loulé. Eles mandam cá uns grupos durante os dias de Carnaval, que esperamos sejam êxito. Vão animar o «corso». Uma espécie de «charolas» ou «cegadas», que cantam e dançam. Nós, em compensação vamos mandar um carro alegórico que representará o Carnaval de Loulé. Le-

vará a data em que se fez a primeira «batalha de flores», 1906 e a de 1978. Esse carro, aqui em Loulé será tripulado por uma equipa espanhola. Por seu turno, irá a Espanha assim como ao nosso Rancho Infantil.

Outro carro, o «Speedy Gonzalez», representa uma fantasia mexicana, que todos os miúdos conhecem dos bonecos animados da televisão. Speedy Gonzalez, é um representante da paz, embora ele tenha ali as pistolas. Aquilo é uma fantasia.

Há um outro carro aqui que vai resultar, um carro muito bonito, um «Entenário». O desenho é de José Batista. São três fontes, só não deitam água, mas a ilusão está conseguida.

Há o «jardim», um outro carro que não está aqui neste armazém. É constituído por um banco de jardim, e já que não seja um banco de coreto, é uma pérgola e tem dois pavões, um cisne e um lago.

Há um outro carro, que é uma cabeça. Julgo que este carro também vai ser um êxito, dada a sua originalidade. O carro tem uma cabeça com 4,5 metros por 4 metros de alto. É uma cabeça de palhaço. A tripulação vai a dois níveis, a nível da boca, nos olhos e no chapéu que ele tem lá em cima.

Há o «Caracol», um outro carro, que é a adaptação de um outro. Leva flores. Nos olhos dessas flores raparigas e o caracol e também uma borboleta.

Há o «Palhaço», o tal palhaço de que falámos e que se presta a várias leituras, pois cada um lerá como entender.

Há os «Gansos», um carro transformado. Este ano leva mais umas flores e umas raparigas.

Há um carro que passou por várias tentativas de sátira política e que entretanto, porque perderam a oportunidade, nós, tivemos de o adaptar. É um penico muito grande que vai ser puxado por uns cavalos. Nós tentamos que fossem lazarentos, mas no fim saíram mesmo corceis impetuosos. O penico leva dentro pacotes. Pensamos pôr lá o 4.º pacote, embora o 3.º não tenha saído, e ainda o 8.º. Tenho a impressão que os pacotes agora não devem ter fim, dentro dos próximos anos. Pensamos pôr lá outras coisas: uma garrafa de azeite e o tal bacalhau.

Para completar o ramalhete, há o carro da «Bataclã», pois isto é uma paródia à do folhetim da TV «Gabriela». Estarão lá os seus protagonistas mais conhecidos. Julgo que vai a malta toda.

Também está em preparação o carro dos coroneis, onde aparecem os caras todos, o coronel Amâncio e o compadre Melque.

Como disse antes os carros alegóricos são ao todo 23, e por certo devido às fantasias e às sátiras que representam, por certo não deixarão de causar impacto ao público e obter merecido êxito.

Tudo leva a crer, portanto, que se conjugam os melhores préstimos para manter no primeiro plano este grande cartaz do Carnaval de Loulé, e se possível for ultrapassar o que de melhor do género se tem feito.

O Carnaval de Loulé, é com efeito o Carnaval do Algarve. Para tanto não lhe faltam méritos, nem aptidões.

J. C. V.

Trespassa-se

M'ni-Mercado Baão, na Rua Vasco da Gama, n.º 45-A, em Quarteira. Informa no local ou pelo telef. 65467.

VENDE-SE

Horta do Ascensão en. Loulé, com 1 hectar e casa de habitação. Informa pelo Telef. 24600 — FARO.

(4-2)

Faleceu em casa de sua residência em Loulé no passado dia 24 de Janeiro o sr. José Dionísio Marques, que contava 73 anos de idade e deixou viúva a sr.ª Gestrudes Domingos.

O saudoso extinto era pai dos srs. Arlindo António Marques, casado com a sr.ª D. Aveina Maria Gonçalves, Mavilio António Marques, casado com a sr.ª Etelvina Maria Costa, Domélio António Marques, casado com a sr.ª Maria Felismina Correia Rosa e Ilídio António Marques, casado com a sr.ª D. Olga Maria Santos da Piedade e avô dos srs. Luís Filipe da Piedade Marques, Orlando Fernandes Marques, Arlindo Fernandes Marques, dos meninos António José da Costa Marques, João José Costa Marques, sr.ª D. Maria de Deus Fernandes Marques, D. Maria José Costa Marques Gonçalves, D. Maria da Encarnação Rosa Marques e da menina Noémia Maria Rosa Marques.

Deixou 3 bisnetos.

Faleceu no Hospital de Loulé no passado dia 19 de Janeiro a sr.ª D. Lídia Guerreiro de Sousa que contava 64 anos de idade e era natural de Loulé.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Maria de Fátima Pintassilgo Sousa, irmã da sr.ª Fernanda Guerreiro Sousa, casada com o sr. Manuel Cortes Lopes e do sr. Fernando Guerreiro Ferreira e era avó das sr.ªs D. Maria Manuela Sousa Brito Soares e D. Maria de Fátima Domingos Silvestre.

Faleceu em Faro, onde há muitas décadas residia, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria da Piedade Nascimento Neto Ferreira, de 91 anos, viúva do sr. Sebastião Ferreira (que desempenhou as funções de Inspector Escolar). A saudosa extinta que era muito estimada pelas suas qualidades e fino trato, era mãe da sr.ª Dr.ª D. Nidia Neto Ferreira Neto (delegada do I. F. A. S.) e da sr.ª D. Noémia Neto Ferreira Nabais (já falecida), sogra do sr. João Ferreira Neto (falecido, que foi vice-presidente da Câmara Municipal de Faro) e avó dos srs. João José da Silva Ferreira Neto (delegado dos T. A. P. no Rio de Janeiro), casado com a sr.ª D. Maria José Santos Padre Ferreira Neto, da sr.ª D. Emília Ferreira Nabais Forcada.

As famílias enlutadas enviamos sentidas condolências.

Posto de Turismo em Loulé

★ INICIATIVA QUE MERECE APLAUSO

Foi recentemente criado em Loulé, funcionando numa dependência dos Paços do Concelho, um posto de turismo, que tem por função conceder apoio aos forasteiros visitantes, que pretendem conhecer as atracções desta terra das amendoeiras.

A iniciativa, face ao significado que encerra, é merecedora de inteira aprovação, posto que, além do mais, vem dar resposta às nossas exigências de uma enorme área concelhia, que embora de predominância serana, não pode nem deve ficar a leste do incremento turístico.

O posto, como dissemos, está aberto e para que cumpra inteiramente a sua missão, não basta que exista, se bem que essa seja a sua condição primeira.

A dependência, não obstante aca-nhada mas de fácil acesso (situa-se no piso térreo da Câmara Municipal), dispõe de uma funcionária pronta a atender dentro das horas de expediente, mas temos de reconhecer, isso não basta.

J. C. V.

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do art.º 97.º do Código do Notariado, que por escritura de 23 do mês corrente, lavrada de fls. 69, v.º a 70 v.º, do Livro n.º A-98 de notas para escrituras diversas do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Maria Viegas Bonito, ocorrido no dia 30 de Novembro de 1976, no sítio da Goldra, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, onde habitualmente residia, natural da referida freguesia de S. Clemente, no estado de casada em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com José Lourenço Viegas, actualmente seu viúvo, natural da aludida freguesia de S. Cle-

mente, residente no sítio de Várzeas da Goldra, da mesma freguesia, que não deixou testamento, foram habilitados os seus únicos filhos:

a) José Martins Lourenço Viegas, casado segundo o regime da comunhão geral de bens, com Célia Caetano Mendonça, residente no sítio da Goldra de Cima, da freguesia dita de S. Clemente;

b) Vasco Manuel Bonito Viegas, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos, com Felsbela Guerreiro Mariano, residente no sítio da Pena, freguesia de Salir, deste concelho; — ambos naturais da referida freguesia de São Clemente, deste concelho.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Janeiro de 1978.

O 2.º Ajudante, **Fernanda Fontes Santana**

II CROSS INTERNACIONAL DAS AMENDOEIRAS EM FLOR EM VILAMOURA

★ O AMERICANO GREG MEYER FOI A GRANDE REVELAÇÃO

Tal como fora anunciado, decorreu em Vilamoura, a 22 passado, o II Cross Internacional das Amendoeiras em Flor, que reuniu destacados nomes do atletismo nacional e algumas figuras gradas do atletismo internacional.

O dia apresentara-se ensolarado e excepcionalmente favorável ao desenrolar do certame.

Na prova dos 10 000 metros, seniores, a de maior cartel, que congregava a presença de um elevado número de especialistas, e por isso mesmo desafiara alguns vaticínios, teve um desfecho inesperado. O norte-americano Greg Meyer sagrou-se vencedor, depois de, muito antes do termo da prova, ter marcado um ritmo incomportável para os seus mais directos rivais.

A classificação apurada foi a seguinte:

1.º, Greg Meyer (Estados Unidos) 29.44,4; 2.º, Tony Simmons (Inglaterra) 30.02,5; 3.º, Brendan Foster (Inglaterra) 30.11,2; 4.º, FERNANDO MAMEDE (PORTUGAL) 30.16,7; 5.º, ANICETO SIMÕES (PORTUGAL) 30.28,5; 7.º, Peter Weigt (RFA) 30.30,6; 8.º, JOSÉ SENA (PORTUGAL) 30.44,0; 9.º, Francisco Vargas (Espanha) 30.45,8; 10.º, Albercht Moser (Suíça) 30.51,6; 11.º, Nuñez (Espanha) 30.52,3; 12.º, CARLOS LOPES (PORTUGAL) 31.00,5; 13.º, António Prieto (Espanha) 31.05,0; 14.º, HELDER DE JESUS (PORTUGAL) 31.09,4; 15.º, G. Bourban (França) 31.10,6; 18.º, J. hn Wild (Inglaterra); 20.º, Karl Fleschen (RFA) 32.42,7.

Terminaram a prova 62 atletas. Nos 4 000 m. femininos, a atleta do Futebol Clube do Porto, Rosa Mota venceu facilmente a competição.

A classificação final ficou assim desestruturada:

1.º, Rosa Mota (F. C. do Porto) 14.03,4; 2.º, Lucília Soares (Ases das Avenidas) 14.21,8; 3.º, Natália Pinho (Ovarense) 14.26,0; 4.º, Brígida Morete (Espanha) 14.32,2; 5.º, Elizabeth Pereira (Foz) 14.34,2; 6.º, Alice Silva (Foz) 14.36,6.

Na primeira prova do dia, nos 5 000 metros, reservada a atletas não convidados, a classificação deu as posições seguintes:

1.º Fernando Miguel (Sp.) 18.15,0; 2.º Humberto Sequeira (Sp.) 18.34,8; 3.º Armando Guerreiro (Amador de Lagos) 19.00,3; 4.º Francisco Cabrita (Olhanense) 19.06,3.

CARNAVAL NO ALGARVE

Cerca de 100 000 «saquinhos» estão sendo confeccionados para utilização durante os três dias do «Carnaval do Algarve» e que constituirão «municiões de boa disposição e alegria» no consagrado «Carnaval de Loulé». Assim os muitos milhares de folgões que ocorrerão nos dias 5, 6 e 7 de Fevereiro à ampla Avenida José da Costa Mealha, em Loulé terão à sua disposição amplo «material» para as grandes batalhas da boa disposição e da alegria.

Ratos de automóveis

A Polícia Judiciária deteve uma quadrilha que fazia tráfico ilícito de viaturas, cujos elementos identificadores eram previamente viciados.

Carta do Canadá

Sr. Director.

Ao desabrochar mais um ano, venho por este meio, já que pessoalmente me é impossível desejar muitas felicidades ao Jornal «A Voz de Loulé» que ao longo do tempo nos tem trazido informados sobre os acontecimentos mais importantes da nossa terra. Faço votos, para que continue a fazê-lo, porque cá longe apreciamos bastante as notícias que nos falam do nosso torrão natal.

Ao mesmo tempo, se me permite, gostaria de dirigir umas palavras ao jovem Luís Pereira, uma vez que, como leitor de «A Voz de Loulé», acho-me no dever de o fazer. É com pena que o vejo afastar-se de colaborador desse jornal, pois acho que, apesar da sua juventude, os seus artigos mostram uma grande maturidade e na sua simplicidade mostram a realidade tal qual é.

de e na sua simplicidade mostram a realidade tal qual é.

Pois bem, aqui vão umas palavras dirigidas a Luís Pereira.

Meu caro Luís.

Desde a primeira crónica que escreveste para «A Voz de Loulé» comecei a ter um grande interesse pelos teus artigos, descritos baseados na realidade, numa linguagem simples e compreensiva que me punham ao corrente do que se passava na minha aldeia e no meu concelho. Era com ansiedade até, que procurava algum artigo teu em cada exemplar que recebia, ficando por isso, bastante desiludido, quando ultimamente não os encontrava.

Sou emigrante como deves calcular, mas nem por isso, deixo de ser um cidadão português desgostoso com tudo o que se está a passar com o nosso Portugal moribundo. Portanto, como tu, estou farto de demagogia que nada me diz e os teus artigos diziam-me algo.

Não penses que foi em vão que escreveste. Como eu, por esse mundo fora, estão muitos louletanos que comungam dos teus sentimentos e os teus ideais e que se sentem felizes ao ver que ainda há jovens como tu que não têm medo nem cobardia de mostrar os seus nobres sentimentos no meio de uma sociedade tão dividida e confusa, como é a sociedade que actualmente somos.

No princípio da tua crónica «Ponto Final na minha colaboração» dizes: «cheguei à conclusão que o meu contributo dado a «A Voz de Loulé» corria o risco de não ser contributo nenhum». Reflete nessa frase e garante-te que se penses bem nela, ao acabar de ler esta carta, verás que, o teu trabalho não foi nulo, porque pelo menos, alguém leu os teus artigos com interesse, tirando deles algum proveito.

Gostava, por isso, de deixar aqui um apelo. Não faças caso daqueles que te criticaram muito e te mandaram recados, que para te ser sincero, a maior parte das vezes não percebo o que querem dizer com o que escrevem. Não faças caso das polémicas que ao teu redor se levantaram, só porque foste sempre sincero e preciso naquilo que diseste. Sei que a tua reacção foi normal, pois és jovem e criticaram-te sem dó nem piedade. Mas... esquece tudo isso e continua a escrever-nos, que mais não seja, umas palavrinhas e uns artigos para nós emigrantes, que, embora sendo tão falados por causa das nossas divisas, na realidade vivemos esquecidos por este mundo fora. Com tudo isto, quero pedir-te que não desistas. A par de adversários e críticos, há muita gente humilde que te estima e te apoia. Não os desiludas. Sabes o teu Portugal é também o meu e o dessa gente que te apoia. E o nosso Portugal no seu leito de enfermo precisa de todos nós, mais do do que nunca, para caminhar firme apoiado nos seus membros para prosseguir na sua jornada rumo à democracia. Tudo o que escrevi talvez não te diga nada. Mas fica certo que saí-me do coração.

João Caetano

CARNAVAL À PORTA

APELO AO COMÉRCIO DE LOULÉ

Para emoldurar condignamente o aliciente Carnaval de Loulé, agradece-se ao comércio local que capriche em ornamentar, alusivamente à quadra, as suas montras.

É a tradição e o prestígio da nossa terra que exige a colaboração de todos.

RESPONDA-ME SR. MINISTRO CARDIA:

O ANO PROPEDEÚTICO

NÃO SERÁ UMA TENTATIVA FRUSTRADA?

(continuação da pág. 1)

para afirmar publicamente que tudo isto é mais uma tentativa frustrada para impedir que os estudantes, principalmente os mais desfavorecidos, prossigam os seus estudos. Prometendo acabar com o analfabetismo, levar o ensino a todas as camadas da população, criar escolas, bibliotecas, mais não fizeram os camaradas socialistas senão impedir que as classes mais pobres possam cultivar-se livremente. A não colocação de professores a tempo e a horas, o aumento das cantinas, das propinas, dos livros, dos textos de apoio, o numerus clausus, as aulas pela televisão quando há tantos professores no desemprego, são medidas drásticas e perigosas que nos podem conduzir mais tarde ao dirigismo cultural. Efectivamente, os estudantes que não têm televisão em suas casas para assistir ao ano propedéutico, que têm de deslocar-se muito longe para alcançarem os textos que pouco nos ajudam, que não têm bibliotecas próximas, que pouco tempo têm para estudar devido às suas dificuldades financeiras, que não têm amigos com quem possam contactar, estudar, enfim, que não têm possibilidades de estudar nestas condições, são obrigados a desistir muitos deles, engrossando o número elevado de desemprego que alastra no nosso país. E depois, se no ano anterior haviam 16.000 inscritos, aproximadamente, hoje rondam à volta dos 40 000 o que é, sem dúvida a manifestação mais real que o ano propedéutico só poderá facilitar os filhos dos senhores ministros e a alta sociedade que dispõem dos meios para estudar. Senhores leitores! É difícil falar verdade neste País. Tenho afirmado isto muitas vezes. Como podemos verificar tudo se faz para eliminar as classes mais desprotegidas do ensino. É esta a cruel realidade. O Povo enganou-se ao admitir que as propostas do Partido Socialista em campanhas eleitorais iriam ser concretizadas elevando o cidadão português. Quem diz o Partido Socialista, diz também que CDS, PSDs e PCPs, não

apresentam soluções concretas que resolvam este impasse, pois os interesses partidários sobrepõem-se aos interesses nacionais. Eu, que sou aluno do ano propedéutico ainda não sei até ao momento quais as finalidades de tal ano, nem sequer estou informado quando são as provas escritas. Quanto à bibliografia que utilizo é muito escassa, pois para além de não dispor de dinheiro para comprar todos os livros necessários, a biblioteca mais próxima fica a 25 km da minha casa. Não tenho luz, porque a Junta de Freguesia de Boiliqueime e a Câmara de Loulé têm adiado a resolução desse grave problema que atinge uma população considerável. Disponho de uma televisão, bateria para assistir às aulas. Infelizmente alguns não têm esse privilégio. Que ano propedéutico? Que ensino? Sabemos, meus amigos, para onde nos querem levar. Não ignoramos que antigamente estava mal, mas que agora está pior. O socialismo do dr. Soares não nos pode conduzir a lado nenhum porque ele não existe. Ou se é capitalista ou se é socialista. Ou se é marxista ou se não é marxista. Crer ser tudo ao mesmo tempo não pode ser, porque ou assentamos num sistema de investimento privado, de liberdade, em que cada um se desenvolve consoante a sua capacidade e inteligência ou montamos uma máquina estatal repressiva, condicionando ainda mais o espírito criador do ser humano. Não há meios termos possíveis em sociedades que, como a nossa, possuem um índice elevado de analfabetismo, que estão inseridos numa Europa capitalista e que pretendem estar bem com Deus e com o diabo. Podia dizer-vos muito mais, mas acho que já chega para perceberem que o Ensino neste País caminha para o colapso final e que os socialistas não são capazes de nos salvar. Eu também não continuo, porque até me arrepio de falar nisto.

Sr. Ministro responda-me: tenho direito de saber onde errei? Obrigado.

Luís Pereira

A CONSTRUIR NO CENTRO DE LOULÉ



Vendem-se apartamentos

T-O

1977

Para nós que temos dedicado um pouco de atenção aos problemas de Quarteira, é a altura de fazermos uma retrospectiva daquilo que não passaram de palavras escritas. Falamos da luta, duma edificação digna que dignifique e apoie os que trabalham no mar e em terra e que com o seu trabalho, esforço e perseverança contribuem para o equilíbrio desta economia nacional tão débil; muito pouco ou nada se sabe dos intentos das autoridades responsáveis sobre este assunto de vital importância para os pescadores. Falamos da luta de Quarteira sempre que necessário, invocando números correctos, efectuando as demarques necessárias junto das entidades competentes até que se tome plena consciência da urgência de tal edificação, e do peso que representa para a economia local e regional. Setenta mil contos de vendas durante o ano findo não é nada?

Falamos do bairro clandestino da Quarteira onde as construções não param. Pedimos condições de saneamento e outras a que a sociedade obriga e que se visse ainda nada foi feito, nem palavras nem actos; como é fácil viver no conforto e esquecer os que o não têm.

Falamos dos esgotos, da luz eléctrica...

Falamos da criança, da escola e da protecção que não têm. Aqui as nossas palavras não caíram em cesto roto. Falamos dos caminhos que não existem cuja construção urgente é de vital importância para o escoamento da produção agrícola e bem estar dos contribuintes. (Verificamos uma vaga esperança que existe uma promessa de elaboração de projecto... mas como de promessas está o Inferno cheio... desejamos ardentemente que se passe às obras).

Tudo o que escrevemos em 1977 deixou campo mais que suficiente à polémica. A polémica construtiva. Escrevemos deixando propositadamente lacunas para que os interessados e visados nos dissessem e dissessem à colectividade de sua justiça. (Por formação aceitamos sempre as opiniões alheias e ficamos muito satisfeitos quando delas conseguimos ti-

rar alguns ensinamentos). Só que por serem problemas demasiado simples e realistas, (todos bem reais e palpáveis) ficaram apenas no papel como grito de alarme e de aviso que uma sociedade é constituída por todos e não apenas por alguns cidadãos.

1978 ainda é uma criança, acompanharemos esta criança com a promessa que nos ocuparemos dos reais problemas de Quarteira e dos seus mais desprotegidos; como até aqui continuaremos a não escrever protegidos na sombra desta ou daquela ideologia, desta ou daquela filosofia utópica. Temos a obrigação de utilizar este meio ao nosso alcance para tentar melhorar o nível social, moral e intelectual dos que nos rodeiam e tudo tentaremos.

Não podemos nesta retrospectiva deixar de agradecer ao sr. Director de «A Voz de Loulé» a simpatia com que sempre nos acolheu e ao mesmo tempo manifestar-lhe o nosso apoio e solidariedade para com a linha que tem imprimido ao nosso jornal, ciente que «A Voz de Loulé» é um jornal de informação regional e que nem por isso deixa de se ocupar dos assuntos de relevância nacional pois chega onde os diários não chegam e ao mesmo tempo é um forte elo de ligação entre os que cá vivem e os que lá fora labutam arduamente e vêem n'«A Voz de Loulé» as notícias da sua terra.

Quarteira, 4-1-78.

Manuel Bota Espadinha

VENDE-SE

Motoreta Vespa 125 de carrito modelo A. P. Informa pelos telef. 62894-62937 ou no Stand de bicicletas na R. Serpa Pinto ou R. Padre António Vieira, 171 — LOULÉ.

(2-2)

ERA UMA VEZ...

Era uma vez um cordeiro manso e dócil, que cresceu, e já carneiro, o pastor pôs à frente do rebanho. O carneiro seguia o pastor para onde quer que este ia, e as ovelhas seguiam fielmente o carneiro.

Mas, um dia, o rebanho das ovelhas foi pastar junto de um rebanho de cabras. E o carneiro gostou de ver como os chibos saltavam e encabritavam nos valados e penedos e como lutavam atirando com fúria chifres contra chifres. Começou a imitá-los. As ovelhas desassassegavam-se com esta nova vida do carneiro. O próprio pastor, de quando em quando, sentia a dureza do chapéu do animal. Mas todos achavam graça àquele carneiro «evoluido», sem complexos (ou antes com o complexo de querer fugir ao seu natural). Eram sinais dos tempos.

Um dia, os lobos começaram a rondar o rebanho. Os cães tentavam tê-los à raia. Mas o nosso carneiro achava que eram cuidados excessivos e que, assim como tinha aprendido com os chibos as delícias dum novo modo de vida, também poderia aprender algo de novo com os que lhe pretendiam estender a mão. Ia abrindo os olhos, ia começando a filosofar e descobria que a vida das ovelhas não encerrava todo o bem, que nada há inteiramente mau e que os cuidados dos cães e do pastor eram velharias ultrapassadas, eram ópio para o trazerem acorrentado, «alienado», segundo a linguagem dos lobos. E procurava encontrar-se com eles.

Por sua vez, os lobos, a quem a experiência tinha ensinado ser a astúcia mais eficaz do que as atitudes agressivas, vinham até junto das redes do apisco e, mansamente, convidavam à convivência.

— Nós já não somos como os lobos de outrora, já não comemos cordeiros ao almoço...

E o carneiro tentou uma sortida. Foi uma experiência magnífica. Os lobos foram delicados. Quantas coisas lhe ensinaram que ele até então desconhecia.

A experiência repetiu-se e sempre novas descobertas.

Até que um dia, surgiu uma proposta que o deixou aturdido, temeroso e desejoso a um tempo:

— E se tu te fundisses com um de nós?... Ficarias com as qualidades do carneiro e do lobo... um enriquecimento...

— Mas isso não é possível!

— Possível, é. E até muito fácil. Vem passar uma noite connosco e verás.

O carneiro, já habituado a iludir a vigilância do pastor e dos cães, não teve dificuldade em ir.

— Entremos nesta cova. Vamos dormir aqui e, de manhã, ter-se-á dado a fusão.

Dizendo isto, aproximou um frasco do nariz do carneiro, que, de seguida, adormeceu profundamente.

O lobo tirou-lhe carne e ossos, deixando apenas a pele, dentro da qual se meteu.

No dia seguinte, introduziu-se assim disfarçado entre as ovelhas, nas quais, pela calada da noite, foi fazendo baixas...

Esta, a fábula.

Aplicações práticas, em nossos dias, inúmeras... Mas restrinjam-nos ao caso da política e da religião, que tantos teimam em turvar. E que outros teimam em desarmar daquelas normas de defesa de que a experiência dos séculos as dotara.

Os leitores conhecem certamente como o marxismo, quer comunista, quer socialista, depois de ter atacado frontalmente a religião, «ópio do povo», começou a su táctica de «mão estendida».

— «O que nós queremos é, como vós, o bem do povo, embora por outros caminhos. Unamo-nos e a nossa vitória será certa».

E houve tantos, há tantos, que caíram no logro.

Um dos mais ruidosos casos deste conúbio impossível entre Cristo e Marx, entre a Religião e o ateísmo, é o dos «cristãos pelo socialismo».

Como na fábula, do cristianismo fica apenas a pele, porque todo o organismo, toda a parte viva, é o sistema puro do marxismo.

Do vocabulário cristão ficam algumas palavras: Cristo, Evangelho, Redenção, fé, esperança, caridade...

Mas o conteúdo é todo marxista, materialista.

Segundo a fé cristã, Cristo veio ao mundo para nos resgatar do pecado, para nos restituir a amizade divina. Instituiu uma Igreja hierárquica, depositária infalível de uma doutrina que é preciso aceitar com fé divina e de uns preceitos morais que são para cumprir. O Reino de Deus prepara-se neste mundo, mas tem o seu completo desabrochar na eternidade.

Para os «cristãos pelo socialismo», Jesus de Nazaré é um revolucionário cuja única missão foi resgatar os pobres da opressão dos capitalistas. Não querem Igreja com autoridade, com dogmas. A fé, para eles, é, apenas, crer que, pela ditadura do proletariado, tem de destruir-se o mundo capitalista. A esperança não é em Deus e nas suas promessas, mas em Marx e na realização das suas quimeras. A caridade não é o Amor de Deus e do próximo por amor de Deus, mas a luta de classes, ódio a tudo o que é oposto ao triunfo do marxismo.

Mas, entretanto, vão-nos gritando que não há incompatibilidade entre Cristo e Marx, entre a Igreja e o Comunismo ou o Socialismo marxista.

E há cegos que acreditam. E há «cães mudos», na expressão bíblica, que não afugentam os lobos...

J. C.

MOBÍLIA

VENDE-SE BARATA

Vende-se, barata, uma mobília de sala, forrada, de damasco, estáo Império, patente no escritório do solicitador João Iria, em Loulé.

TOMO DE TRESPASSE

CAFÉ RESTAURANTE ATÉ 600 CONTOS OU
TABACARIA ATÉ 300 CONTOS. RESPOSTA DETALHADA A JOAQUIM NEVES — 630 FIFTH AVE
SUITE 655 NEW YORK N. Y. 10020 U. S. A.

O Povo não quer o fascismo, mas repudia quantos sejam pelo Gonçalvismo, Otelismo e Cunhalismo

Os factos do dia a dia comprovam sobrejamente que o Povo não tendo saudades dos fascistas, está farto dos gonçalvistas, otelistas e cunhalistas, e de quantos alinham nas suas manobras políticas, que mais visam conquistar as massas, para uma vez alcançados no Poder as explorarem tanto ou mais que os fascistas, de que servem com dedicação e isenção as causas que interessam ao bem da colectividade.

Os nossos governantes porém, por

Presença do desporto no «Carnaval do Algarve»

Durante os dias do Carnaval estão marcadas várias competições desportivas para o Algarve, constituindo assim mais um aliciente para uma deslocação à província do Sul. Num organização da Federação Portuguesa de Futebol e da Associação de Futebol de Faro disputar-se-á, com jogos em Faro (dia 4 de Fevereiro) e em Portimão (dias 5 e 7) o I Torneio Internacional de Futebol Juvenil, a que concorrerão várias selecções, entre as quais a de Portugal. Na manhã de 5 de Fevereiro a Avenida Costa Mealha, em Loulé, será cenário do «IV Grande Prémio do Carnaval», prova pedestre organizada pelo Louletano Desportos Clube.

A vela terá o já tradicional «Torneio do Carnaval», que será disputado de 4 a 6 de Fevereiro ao largo da Marina de Vilamoura.

A todas estas competições a Comissão Regional de Turismo do Algarve dá o seu apoio e colaboração.

O Algarve na Bélgica e no Luxemburgo

A convite do operador Luxair e com a colaboração do Centro de Turismo de Portugal em Bruxelas e da Comissão Regional de Turismo do Algarve, deslocou-se à Bélgica e ao Luxemburgo, o Rancho Folclórico do Calvário, que ali permanecerá cerca de 2 semanas, com actuações diárias.

O referido grupo é acompanhado pelo funcionário João Lima, do Departamento de Relações Públicas da C. R. T. A.

MODISTA MARIA ODETE

Confecções Parisienses em 48 horas. Vestidos, Max casacos e calças para senhora e criança aos preços de concorrência.

Av. José da Costa Meilha, 83 — LOULÉ.

NOVO COMANDANTE DO CORPO DE BOMBEIROS MUNICIPAIS DE FARO

Foi investido recentemente, nas funções de Comandante do Corpo de Bombeiros Municipais de Faro, o tenente-coronel Bernardino Rodrigues dos Santos.

Cumpra-nos retribuir os préstimos de leal colaboração com que muito afavelmente nos quis distinguir.

Ao novo Comandante do prestante Corpo de Bombeiros Municipais de Faro, endereçamos entretanto as nossas felicitações pelo cargo assumido, desejando-lhe profícua actividade em prol da agremiação humanitária em que tão dignamente se integra.

VIAGEM ÀS CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

10 — UMA NOITE EM ATENAS

Para preencher a noite tínhamos à escolha duas coisas: espectáculo de luz e som na Acrópole, ou uma subida ao Monte de S. Jorge, em plena cidade de Atenas.

Escolhemos este último. Tomámos um elevador, género dos da praia da Nazaré, no entanto mais rápido e subindo a uma altura mais elevada, e lá fomos, depois de termos pago um bilhete de 20 drakmas, mais ou menos 22\$00.

A vista que se observa em plena noite, sobre a cidade, com miríades de luzes, compensa ter ido lá acima. Daqui podemos avaliar melhor este grande burgo que, contando com os arredores, chega a atingir os três milhões e quinhentas mil pessoas.

Por uma feliz casualidade, quando fomos de regresso ao hotel, passámos por um teatro grego, feito agora mas de estilo antigo, isto é, ao ar livre e em anfiteatro. Estava a exhibir-se uma grande orquestra acompanhada por um coro de 150 vozes, de homens, senhoras e crianças. O programa constava de música popular grega.

Não estivemos com cerimónias e entrámos, mesmo sem bilhete, pois como o espectáculo já tinha começado, os dois porteiros estavam tão entusiasmados com ele, que nem davam pelas pessoas que chegavam atrasadas.

O entusiasmo era justificado. Os espectadores acompanhavam as árias tocadas com palmas, batidas no ritmo certo. O maestro, cuja figura nos pareceu conhecida, era o que mais se entusiasmava, cantando, dirigindo e balanceando o corpo.

Foram momentos agradabilíssimos e para serem recordados com saudade.

Quando o concerto atingiu o fim, ninguém arredou pé. Aplausos e mais aplausos, sem se pensar em ter pressa de sair, ao contrário do que se vê em Portugal, seja no teatro, no cinema, no circo ou no futebol.

A força dos aplausos era tal que os três últimos números foram bisados e, caso interessante, os espectadores cantavam juntando-se ao coro.

Tivemos pena de não termos tido oportunidade de sabermos mais do que estávamos a ver, mas os nossos parceiros chegados a nós, por azar, só grego falavam. Ficou-nos a certeza que este povo adora a música.

Calculámos à volta de 5 000 as pessoas presentes, esgotando a lotação, chegando algumas centenas a estar de pé. O nosso cálculo é realista e não político, pois se fosse seguindo a táctica dos nossos políticos (feitos à pressão e a mrtelo) em vez das 5 mil pessoas, diríamos 500 mil...

M. Vazão

PROPRIEDADE

VENDE-SE, de boa terra de semear composta de amendoeiras, figueiras, oliveiras e alfarrobeiras.

Informa na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, n.º 3 ou na R. do Matadouro, 4 em Loulé.

AMENDOEIRA — LOULÉ



AGRADECIMENTO

MARIA DA ENCARNÇÃO

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Agência Cavaco — Loulé

Teodoro Gonçalves Silva & Filhos, Limitada

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

CERTIFICO que, de folhas setenta verso a setenta e seis, do livro de notas para escrituras diversas, número quatrocentos e três, se encontra a escritura do teor seguinte:

AUMENTO DE CAPITAL E REMODELAÇÃO TOTAL DO PACTO SOCIAL

No dia trinta de Dezembro de mil novecentos e setenta e sete, no Cartório Notarial de São Brás de Alportel, a meu cargo, perante mim, licenciada Soledade Maria Pontes de Sousa Inês, notária, compareceram com outorgantes:

PRIMEIRO — Teodoro Gonçalves Silva, casado com Maria do Nascimento Cavaco Silva, no regime da comunhão Geral, natural da freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, onde tem residência habitual no sítio do Poço de Boliqueime; é portador do bilhete de identidade n.º 176940, emitido em 29-11-1968 vitaliciamente pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

Rogério Cavaco Silva, casado com Maria Vitória do Espírito Santo Aleluia Silva, no regime da comunhão geral, natural da dita freguesia de Boliqueime, e residente habitualmente em Faro, na Rua General Humberto Delgado, 43, 1.º andar, lado direito; é portador do bilhete de identidade n.º 1068142, emitido em 18-6-1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

SEGUNDO — Aníbal António Cavaco Silva, casado com Maria Alves da Silva Cavaco Silva, no regime da comunhão geral, natural da referida freguesia de Boliqueime, e residente habitualmente na Travessa do Possolo, 13-1.º andar, lado direito, em Lisboa; é portador do bilhete de identidade n.º 1146601, emitido em 23 de Julho de 1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa.

António Cavaco Silva, solteiro, maior, natural da sobredita freguesia de Boliqueime, e residente habitualmente em Beja,

na rua Tenente Valadim, 90; é portador do bilhete de identidade n.º 372500, emitido em 30-10-1975, pelo Arquivo de Identificação de Lisboa;

e Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz, casada com António Oliveira Cruz, no regime da comunhão de adquiridos, natural da referida freguesia de Boliqueime e residente habitualmente na Rua Francisco de Holanda, 25-2.º andar, frente em Lisboa; é portadora do bilhete de identidade n.º 57668, emitido em 15-9-1977, pelo Centro de Identificação de Lisboa.

Verifiquei a identidade dos outorgantes pela exibição dos seus referidos bilhetes de identidade. E por eles foi dito:

Que os dois primeiros outorgantes são os únicos e actuais sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «TEODORO GONÇALVES SILVA, LIMITADA», com sede no lugar de Poço Boliqueime, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé que entre si constituíram por escritura de dois de Abril de mil novecentos e setenta, lavrada no livro de notas para escrituras diversas número A cinquenta e oito, a folhas cinquenta e nove verso, do Segundo Cartório da Secretaria Notarial de Faro, escritura de que arquivo fotocópia com o capital social integralmente realizado em dinheiro e entrado na Caixa Social de duzentos e cinquenta mil escudos, dividido em duas quotas, uma de duzentos vinte e cinco mil escudos, subscrita pelo sócio Teodoro Gonçalves Silva, e outra de vinte cinco mil escudos, subscrita pelo sócio Rogério Cavaco Silva, totalmente liberadas.

Que pela presente escritura elevam o capital social para dois milhões de escudos, sendo a importância do aumento de um milhão setecentos e cinquenta mil escudos, já integralmente realizada em dinheiro que já deu entrada na caixa social, subscrita pelos actuais sócios, os dois primeiros outorgantes e pelos segundos outorgantes que assim entram para a sociedade, como sócios, pela forma seguinte: O sócio Teo-

doro Gonçalves Silva com cento setenta e cinco mil escudos; O sócio Rogério Cavaco Silva com novecentos setenta e cinco mil escudos; e os três restantes, com duzentos mil escudos cada um.

Que por esta mesma escritura remodelam totalmente o pacto social da mesma sociedade que passará a regular-se nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — Um — A sociedade adopta a firma «TEODORO GONÇALVES SILVA & FILHOS, LIMITADA», tem a sua sede no Poço de Boliqueime, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado a partir de um de Janeiro de mil novecentos setenta e oito.

Dois — Por simples deliberação da assembleia geral poderá a sede social ser deslocada dentro da mesma localidade e serem criadas filiais, em quaisquer outras localidades em que se achar conveniente, para o desenvolvimento do negócio.

SEGUNDO — O objecto da sociedade é a indústria e comercialização de rações para animais, frutos secos, adubos, cimento e sal, podendo vir a dedicar-se a qualquer outro ramo ou actividade que os sócios venham a deliberar.

TERCEIRO — O capital social é de dois milhões de escudos, integralmente subscrito e realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, do seguinte modo:

Teodoro Gonçalves Silva, com uma quota de quatrocentos mil escudos; Rogério Cavaco Silva, com uma quota de um milhão de escudos; Aníbal António Cavaco Silva com uma quota de duzentos mil escudos; António Cavaco Silva, com uma quota de duzentos mil escudos; e Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz com uma quota de duzentos mil escudos.

QUARTO — Um — A cessão das quotas entre os sócios é livre.

Dois — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, expresso num mínimo de setenta e cinco por cento do capital social, a qual terá o direito de preferência em primeiro lugar, e cada um dos sócios em segundo lugar, na proporção das suas quotas.

Três — O sócio que pretenda ceder a sua quota a estranhos dará conhecimento do facto à sociedade, por carta registada, indicando o nome da pessoa a quem pretende ceder, o preço e condições, e esta deliberará de harmonia com o estabelecido no número anterior, e a sua decisão será comunicada ao sócio cedente no prazo de trinta dias a contar da recepção daquela carta, o mesmo devendo fazer os restantes sócios. Se nem a sociedade, nem os sócios pretenderem a quota cedenda, poderá o sócio cedê-la à pessoa indicada.

Quatro — O preço que a sociedade ou os sócios adquirirem a quota do outro sócio será sempre o que resultar do balanço elaborado para o efeito,

se outro não for acordado entre os sócios.

QUINTO — Um — Se o desenvolvimento dos negócios sociais assim o exigir e houver deliberação, por unanimidade em assembleia geral, convocada para o efeito, poderão ser exigidas prestações suplementares de capital.

Dois — Qualquer sócio poderá fazer à sociedade os suprimentos de que a mesma carecer nas condições que forem fixadas em assembleia geral e não os poderão levantar, no todo ou em parte, sem que a sociedade possua disponibilidades suficientes que o permitam sem a prejudicar.

SEXTO — Um — A gerência da sociedade pertence aos sócios Teodoro Gonçalves Silva e Rogério Cavaco Silva, com dispensa de caução e com a retribuição que for fixada em assembleia geral.

Dois — Pode a sociedade conferir a estranhos poderes de gerência e pode também qualquer sócio gerente delegar noutro sócio ou num estranho os seus poderes de gerência e representação social, desde que obtenha o consentimento unânime dos outros sócios.

Três — Para obrigar a sociedade são necessárias duas assinaturas — as dos sócios gerentes ou dos seus procuradores — excepto nos casos de mero expediente em que é suficiente a assinatura de qualquer gerente ou seu procurador.

Quatro — A sociedade não poderá ser obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

SÉTIMO — Um — A sociedade amortizará obrigatoriamente a quota do sócio que venha a ser objecto de penhora, arresto ou venda judicial.

Dois — O preço da amortização será igual ao valor da quota que resultar do balanço elaborado para o efeito e será pago em quatro prestações trimestrais a contar da data do evento.

OITAVO — Um — As assembleias gerais quando a lei não exija outras formalidades serão convocadas por meio de carta registada com aviso de recepção com a antecedência de quinze dias e com indicação precisa do assunto de que a assembleia terá de se ocupar.

Dois — As deliberações sobre mudança de sede, hipoteca ou penhora dos bens sociais, compra e venda de viaturas e imóveis, nomeação de gerentes e atribuição das suas remunerações e mudança do objecto social, carecem de uma maioria correspondente a, pelo menos, sessenta por cento do capital social.

NONO — Um — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio, continuando com os herdeiros do falecido ou representantes do interdito.

Dois — Enquanto a quota social se mantiver indivisa deverão os comproprietários nomear um só que a todos represente na sociedade.

DÉCIMO — Em caso de dissolução da sociedade qualquer sócio terá direito a adquirir, na partilha, o quinhão do outro, desde que, por licitação ofereça quantia superior.

DÉCIMO PRIMEIRO — Para todas as questões entre os sócios e a sociedade ou entre os sócios será competente o foro da comarca de Loulé com renúncia expressa a qualquer outro.

DÉCIMO SEGUNDO — Fica desde já autorizado o sócio gerente Rogério Cavaco Silva, a só por si outorgar quaisquer escrituras de arrendamento de bens imóveis para a sociedade ou tomar de trespasse quaisquer estabelecimentos comerciais destinados ao exercício do objecto social. Arquivo ainda:

a) Autorização do marido da segunda outorgante Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz, para esta outorgar a presente escritura;

b) Certidão comprovativa de não se encontrar registada na Conservatória competente firma igual e a única semelhante ser a da sociedade remodelada por esta escritura.

Foi feita aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea deles a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo com a advertência especial da obrigação de requererem no prazo de três meses a contar de hoje, o registo deste acto.

(aa) Teodoro Gonçalves Silva
Rogério Cavaco Silva
Aníbal António Cavaco Silva
António Cavaco Silva
Maria do Rosário Cavaco Silva da Cruz

A notária,
**Soledade Maria Pontes
de Sousa Inês**

É certidão de teor integral que vai conforme ao original. São Brás de Alportel e Cartório Notarial, aos dez de Janeiro de mil novecentos e setenta e oito.

A Ajudante do Cartório,
(assinatura ilegível)

COZINHEIRA Precisa-se

Para a Casa de Pasto «Nascer do Sol», Campina de Cima — LOULÉ. Informa no próprio local.

VENDE-SE

Ford Consul c/ motor Diesel. 250 contos. Informa Telef. 65457 — QUARTEIRA.

(4-2)

TERRENO VENDE-SE

Vende-se um terreno com 2800 m2, com projecto aprovado e com luz próximo. Informa na Rua Infante D. Henrique, 37 — LOULÉ.

NOTÍCIAS DO AMEIXIAL

Faleceu nesta povoação, com a idade de 85 anos, em 11 do corrente, o sr. José Cavaco, proprietário e comerciante nesta localidade.

O saudoso extinto, era pessoa muito considerada por todos os que o conheciam devido às suas qualidades de honestidade e de trabalho, que sempre soube manter inalteráveis não obstante as muitas vicissitudes que inicialmente teve de enfrentar e vencer na árdua luta por melhores dias logo no alvorecer da sua mocidade, por grande parte do continente norte americano.

Natural da Cortelha, aqui se radicou há quase meio século, deixa viúva a sr.ª D. Adelaide da Conceição Vagas, professora oficial, aposentada.

Era pai dos srs. José Vagas Cavaco, o comerciante nesta localidade, casado com a sr.ª D. Almerinda da Conceição Horta, professora oficial; e do sr. António Vagas Cavaco, funcionário superior da Chase Manhattan Bank, dos Estados Unidos

da América do Norte, onde reside, casado com a sr.ª D. Clementina Alves Cavaco. Deixa duas netas: as meninas Maria Adelaide Cavaco e Tina Maria Cavaco, respectivamente de 13 e 12 anos de idade.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

Ameixial, 12-1-1978.

M. F. J.

TERRENO

Compra-se c/ 3 a 10 ha perto da costa, ou junto da estrada Faro-Portimão.

Escrever para A. J. Martins — R. Vasco da Gama, 88 — QUARTEIRA.

(2-1)

SENSAÇÃO EM LOULÉ

SALDOS

== NA ==

TENTAÇÃO 2

AVENIDA 25 DE ABRIL

(FRENTE AO CORREIO)

Lençóis Banho turcos desde	65\$00
Toalhas Rosto turco desde	27\$50
Lençóis Banho para Bêbé — Eram 175\$00 — Agora	75\$00
Jogos Banho turcos (5 peças) ... — »	425\$00 — » 247\$50
Jogos Banho turcos (5 peças) ... — »	465\$00 — » 260\$00
Pijamas turcos para Homem e Senhora — »	350\$00 — » 200\$00
Cobertores p/ cama de casal lisos — »	1 250\$00 — » 750\$00
Cobert. p/ cama casal estampados — »	2 150\$00 — » 1 350\$00
Cobertores cama de casal — »	500\$00 — » 360\$00
Cobertores cama de casal — »	350\$00 — » 195\$00
Robes criança SILMA — »	300\$00 — » 140\$00
Calça para homem fazenda — »	785\$00 — » 200\$00
Calças Ganga Real Indigo — »	950\$00 — » 300\$00
Calças para criança fazenda — »	550\$00 — » 150\$00
Camisolas homem e senhora pura lã virgem Woolmark — »	580\$00 — » 300\$00
Camisolas Malha Homem e Senhora Pura Lã Virgem — »	550\$00 — » 250\$00

Camisolas de malha para criança — Eram 300\$00 — Agora	100\$00
Toalhas de mesa redondas 1,20 — »	160\$00 — » 100\$00
Toalhas de mesa redondas 1,30 — »	195\$00 — » 120\$00
Jogos de mesa estampados 1,50 × 1,50 c/ 6 guardanapos ... — »	400\$00 — » 245\$00
Jogos de mesa estampados 2,30 × 1,50 c/ 12 guardanapos ... — »	710\$00 — » 435\$00
Peúgos turcos — »	20\$00
Collants de malha para senhora — »	150\$00 — » 100\$00
Collants de malha para homem — »	150\$00 — » 100\$00
Collants de malha para criança todos os tamanhos — »	140\$00 — » 85\$00
Camisas para homem, cambraia — »	450\$00
Agora 1 camisa 200\$00 — 2 camisas 350\$00	
Camisas para homem, flanela . — »	350\$00 — » 150\$00
Camiseiras para senhora, flanela — »	350\$00 — » 150\$00
Camiseiras para senhora, malha de seda — »	375\$00 — » 200\$00
KISPOS desde — »	275\$00
Babygroows — »	300\$00 — » 125\$00

«Considero o Dr. Ataíde (Oliveira) um trabalhador incansável e meritório em relação à história e folclore algarvios»

— Palavras do Prof. José António Pinheiro Rosa

É esta a terceira entrevista da série que este jornal encetou, devotada ao vulto e obra do Dr. Ataíde Oliveira e que envolve entidades algarvias de reconhecida relevância intelectual.

Desta feita, em obediência à ordem de recepção cronológica das respostas obtidas respigamos as declarações do Prof. JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO ROSA, que amavelmente se prontificou a corresponder ao questionário apresentado por este jornal.

Personalidade bastante conhecida nos meios algarvios, onde goza de merecido prestígio, o Prof. José António Pinheiro Rosa, que é natural de Faro, dirige com proficiência e brilhantismo a Biblioteca e os Museus de Faro.

Como insigne plúmbeo e ilustre conferencista e etnólogo, tem vindo, de forma notória, uma laboriosa actividade erudita, digna do maior apreço.

O questionário que lhe foi presente consta das seguintes interrogações:

1.— Qual a sua opinião sobre a personalidade e a obra literária desse escritor?

2.— No seu entender, quais são as obras mais representativas do escritor?

3.— Acha que, dada a raridade das suas obras, seria aconselhável, em proveito da cultura portuguesa, a reedição das obras do Dr. Ataíde Oliveira?

4.— A providenciar-se essa edição, acharia vantajoso inserir-se, paralelamente, uma análise crítica?

As respostas obtidas, que nos fornecem múltiplas elucidações, ultrapassam em vários aspectos de extremo interesse, o alcance infundido ao questionário, o que valoriza, sobremaneira, a entrevista dada.

Aqui, transcrevemos as declarações prestadas:

1 — Não conheci pessoalmente o Dr. Francisco Ataíde, o Dr. Ataíde ou o Ataíde Oliveira, como tenho dito e ouvido dizer toda a minha vida.

2 — Considero o Dr. Ataíde um trabalhador incansável e meritório em relação à história e folclore algarvios. Cabouqueiro, iniciador, colector de materiais. São estes os seus principais méritos. Confesso que não lhe reconheço preparação para a vasta obra que empreendeu e daí os inúmeros defeitos que ela encerra falta de ordem e método, repetições, contradições, deficiências de redacção, etc. Eis porque já escrevi uma vez que as monografias do Dr. Ataíde «devem ser sempre lidas com o pé muito atrás»...

3 — No meu entender, as obras mais representativas deste escritor, que, apesar do que digo no parágrafo anterior, merece todo o nosso respeito e gratidão e o busto que Loulé lhe ergueu num dos seus largos, não são a parte monográfica e histórica, mas sim a folclórica: os Contos, o Romanceiro. Aí ele foi formidável, pois arrancou ao legítimo povo algarvio a sua psicologia em toda a profundidade.

4 — A parte monográfica, biográfica e histórica do Dr. Ataíde não me parece que seja aconselhável reeditá-la. Só refundindo-a, porque muita coisa teria de ser corrigida e modificada. Quanto porém à sua obra folclórica, sou incondicionalmente partidário da reedição. Tenho na minha frente um dossier elaborado de 1967 a 1972, intitulado: «Reedição dos Contos Tradicionais do Algarve».

Inicia o uma carta dum sr. C. A. da Silva, que a mandou também ao Secretário Geral do Ministério da Educação Nacional, à Secção de Letras da Academia das Ciências, à Biblioteca Nacional, a um vago «Re-

presentante da Família do Dr. Ataíde» e ao «Gerente da livraria Editora de Faro» (?). É de Agosto de 1967 e preconizava a reedição daquela obra. Perfilhei a ideia. A primeira coisa que fiz foi saber se existiam herdeiros do Dr. Ataíde, com quem houvesse de se tratar de direitos de autor. Auxiliou-me nisto o Sr. Prior Cabanita, que, através do inventário da irmã do escritor, Inês Xavier de Ataíde Oliveira, descobriu que foram herdeiros três sobrinhos: Dr. Álvaro de Ataíde Ramos de Oliveira, Dr. José de Ataíde Ramos de Oliveira e D. Adelina de Ataíde Sousa Dias. Mas este inventário era de 1941. Eu conhecia, nessa altura vivendo em Lisboa, o Dr. Álvaro José Leote de Ataíde e ainda cheguei a falar com a sua tia, D. Ana Leote Ortigão, viúva da Major Sebastião Ramalho Ortigão, para o sondar a tal respeito. A senhora, já muito idosa, prometeu-me, mas entretanto faleceu e nada cheguei a saber.

Mas fui escrevendo ao sr. Dr. Álvaro de Ataíde Ramos de Oliveira, já com o consentimento da Junta Distrital de Faro, a que então presidia o sr. Raúl de Bivar, e da Câmara Municipal de Faro, ambas interessadas na reedição dos «Contos» pedindo-lhe que nos dissesse em que condições a família estaria disposta a ceder os direitos de autor que lhe pertencem por lei.

Interessante transcrever o que eu dizia sobre as monografias: «...embora sejam trabalhos de merecimento, quando mais não seja, por necessariamente terem de servir de base a todas as monografias que venham a publicar-se sobre as terras a que se refere, a sua reedição implicaria uma actualização e transformação tão grandes, que deixariam de ser a obra do Dr. Ataíde Oliveira para se tornarem desvirtuação do que ele criou e que, com todos os erros e deficiências, na época em que foi publicada, tem a sua grandeza intangível». Nem do primeiro correspondente que me alertou recebi resposta (deu-me um endereço errado, pois só quis «levantar a lebre») nem a recebi deste senhor.

A quarta peça do dossier, também deve interessar agora, pois continuo a perfilhar os apontamentos que nela tomei, que reproduzo na sua simplicidade e alguns dos quais talvez sejam perfilhados por si.

«Parece-me que se deverá fazer uma edição popular (embora se faça uma tiragem especial, em papel melhor, de uns 100 exemplares numerados). Seria engraçado meter-lhe umas fotografuras de «contos ou lendas» que o Carlos Porfírio pintou para o Museu Etnográfico (talvez umas vinhetas dele, simples, pois a edição não deve ficar cara). Por subscrição? Ou edição paga pela Câmara e pela Junta depois de se assegurar de que «cada Câmara do Algarve compra uns tantos exemplares? (As Câmaras são 16?)»

Necessário fazer um revisão, para actualização da ortografia, conveniente paragrafação e pontuação, limagem de algumas inconveniências soezes e até uma ou outra nota e comentários». Estes eram os meus apontamentos de 1967.

Mas verifiquei uma coisa alarmante: na Biblioteca existiam dois exemplares do 2.º volume, um deles com o autógrafo do autor, mas nenhum 1.º volume. Mandei para a imprensa algarvia um apelo para arranjar o 1.º volume. Até foi para a «Voz de Loulé» (Outubro de 1967). Nada cnsuegi.

Outro senhor, Amílcar de Melo, este de Carcavelos, escreveu-me em 1971 sobre o mesmo assunto e voltou a ele em 1972. Ma as circunstâncias já não eram as mesmas para

mim e não pude ocupar-me mais do assunto. Vejo agora com imensa simpatia «A Voz de Loulé» lançar-se a um empreendimento que merece todo o louvor.

5 — A esta pergunta já respondi indirectamente no parágrafo precedente. Mas reforço a resposta, dizendo que incontestavelmente, a reedição deverá ser com análise crítica e talvez até por uma equipa. Não me ofereço para fazer parte dela, como em 1967 me propunha, porque as minhas condições neste momento já não são as mesmas. Arranjam gente mais nova, mas deixe que lhe faça uma proposta para a equipa: é a de uma pessoa, em que, naquela altura, também tinha pensado — o Dr. Joaquim Magalhães. Ele que me perdoe querer «metê-lo em mais uma». Mas... se não quiser ou não puder, tem bom remédio: mande-me passear e... não aceite!

AMENDOEIRAS EM FLOR

Postal mítico algarvio

(continuação da pág. 1)
dão a saber como em tempos longínquos da moirama, foram introduzidas em terras de Al-Faghar.

Certamente, devo essa recordação ao ancestralismo saudosista dos meus pais, naturais de Loulé, que mantinham indelévels as suas afinidades congenitamente algarvias.

I Encontro dos Eseritores Algarvios

Decorreu em ambiente de saudável confraternização e de muito interesse literário o I Encontro de Eseritores Algarvios realizado em Lagos nos dias 21 e 22 de Janeiro, por iniciativa do Grupo de Estudos Algarvios.

No próximo número daremos pormenores do acontecimento.

Aos nossos assinantes

Estamos em fins de Janeiro de 1978 e apesar disso ainda por cobrar bastantes recibos do nosso jornal referente ao ano de 1977.

Em muitos casos por nossa culpa, devido à falta de vagar (o momento não é nada aconselhável para aumentar o quadro do pessoal) para pôr os recibos à cobrança.

Aliás este atraso deveu-se também um pouco à circunstância de termos atrasado a fixação dos novos preços de assinatura, os quais estiveram pendentes das indecisões do Governo em fixar os portes de correio.

Esta nota serve portanto para pedir aos nossos assinantes que não pagaram ainda a totalidade da assinatura de 1977 a fineza de procederem à respectiva liquidação ou, pelo menos, não permitir a devolução do recibo quando fôr apresentado.

Resta acrescentar que, por enquanto, não temos qualquer intenção de aumentar os preços da assinatura em relação a 1977, e que são os seguintes:

6 meses	...	130\$00
12 meses	...	260\$00
6 meses (estrangeiro)	...	230\$00
12 meses (estrangeiro)	...	450\$00
6 meses (estr.) avião	...	320\$00
12 meses (estr.) avião	...	600\$00

RESPONDA-ME SR. MINISTRO CARDIA:

O ANO PROPEDEÚTICO NÃO SERÁ UMA TENTATIVA FRUSTRADA?



por LUÍS PEREIRA

Caros leitores.

Talvez o meu caso lhes sirva de reflexão. Em 1976, não pude completar o meu 2.º ano complementar dos liceus, antigo 7.º ano, por falta de professores em duas disciplinas, porventura as que escolhi mais tarde como nucleares para o meu exame de acesso ao Ensino Superior. Assim, fui obrigado a inscrever-me no Serviço Cívico Estudantil, que cumprí matriculando-me nas duas disciplinas, Português e Francês, que me faltavam para acabar o curso liceal. A par disto, alunos que completaram o sétimo ano ingressaram na Universidade sem cumprirem as exigências do serviço cívico. Devo-lhes dizer que fui um aluno regular e, já agora se me permitem, deixem que modestamente lhes diga as minhas classificações ao longo do último ano liceal: Português 15, Francês 15, Filosofia 14, História 14, Política 17 e Inglês 10. Logo pensando em seguir aquilo que mais gostava, tomei em consideração o meu valor a Português e a Francês ao longo de toda a minha carreira de estudante e matriculei-me no exame de acesso à Universidade. Para meu espanto, sem que os exames me tivessem corrido muito mal,

chumbei na disciplina que mais gostava e com uma nota que me deixou perplexo, mas que até à data ainda não teve direito a quaisquer explicações cerca dela. É verdade, caros leitores! Eis as minhas notas neste exame de selecção: Língua Portuguesa 12, Francês 11 e Português 5. Isto equivale dizer-vos que se não fosse tão optimista deixaria de escrever definitivamente para este jornal, envergonhado por escrever para quem felizmente sabe mais do que eu. Sim! Porque segundo a teoria socialista eu sou um «burro» a Português o que significa que já sei escrever o meu nome e preencher a folha do exercício escrito. Mas... as coisas não ficaram por aqui. Muitos estudantes foram vítimas da burocracia existente, onde o emblema partidário ainda tem grande significado. Após ter escrito uma carta pessoal ao sr. ministro Sottomayor Cardia onde pedia justiça e revisão de provas, recebi a resposta vaga de que o assunto era da inteira competência dos responsáveis pelo Serviço Cívico. Fui a Lisboa e dirigi-me à Av. Elias Garcia onde fui recebido cordialmente por duas damas bastante educadas. Responderam-me que aguardasse decisão ministerial, pois iriam brevemente ser aprovados novos decretos que me abrangiam, tendo em conta as reivindicações dos estudantes e da comissão de pais. Aguardei calmamente. Entretanto passados alguns dias recebi em casa duas cartas precisamente iguais, onde se afirmava que eu não tinha direito a revisão de provas, pois já se decidira que os estudantes em geral não beneficiavam de quaisquer explicações desse género. Mas... eu também fui estudante antes do 25 de Abril. Eu também não estava de acordo com o ensino, anteriormente. E hoje? Desculpe sr. ministro, mas digo-lhe de caras que não sou obrigado a concordar consigo e os seus compatriotas socialistas. Tenho esse direito porque a democracia é assim mesmo. No entanto, continuo à espera de um dia poder saber quais as razões que me eliminaram no exame de aptidão. Nunca na minha carreira de estudante fui aluno negativo a Português. É a primeira nota negativa em tal disciplina e logo tão baixa que não me dá possibilidade de poder continuar os meus estudos com optimismo e confiança no futuro. Sim! Porque estou realmente insatisfeito, só que não vou desistir de lutar. Não estou derrotado, pois nunca confiei no Partido Socialista que teimosamente nos tem mergulhado num beco sem saída, só porque persiste em continuar sozinho no Governo, abusando a fazer campanha eleitoral respondendo demagogicamente aos problemas do País. Hoje encontro-me matriculado no ano propedeutico. Sei que o sr. ministro não tem coragem.

(continua na pág. 4)

VISITA AO ALGARVE

DO PRESIDENTE

DA ALEMANHA FEDERAL

Em visita particular, a convite do sr. Dr. Albert Lhlor esteve no Algarve o Sr. Presidente da República Federal da Alemanha, Mr. Walter Scheel.

Na residência do Sr. Lhor, onde lhe foi oferecido um cocktail, a Comissão Regional de Turismo do Algarve entregou-lhe um ramo de flores e várias ofertas do Algarve.

O ilustre Presidente, visitou Vilamoura, Marina e Vale de Lobos.

Em troca de impressões com o Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve o Sr. Walter Scheel mostrou-se bastante interessado pelo Algarve e maravilhado com o nosso sol e o ambiente que se vive nessa Região, tendo prometido que em breve tencionava passar algumas semanas de férias no Algarve.

J. C. V.

No país das mais amplas...

«No nosso país os outros partidos também podem existir; mas temos um princípio fundamental que nos distingue do Ocidente, pois a única situação imaginável é a seguinte: um partido governa, enquanto os outros estão na prisão».

N. Boukharine
(no «Pravda» de 13 de Novembro de 1927)